

Debate (meta)teórico entre o Realismo Neoclássico e os Realismos Estruturais nas Relações Internacionais

*Augusto César Dall'Agnol**

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo geral sistematizar a discussão interna no que se refere à teoria do Realismo das Relações Internacionais. Ou seja, como os três Realismos elencados aproximam-se e se distanciam em relação a seus pontos nevrálgicos? Para isso, buscará, por meio de revisão bibliográfica, sistematizar os Realismos na forma de Programas de Pesquisa Científicos consoante com a ideia de Lakatos. O trabalho caracteriza-se por um estudo descritivo e que versa, sobretudo, sobre assuntos metateóricos.

PALAVRAS-CHAVE: Realismo Estrutural. Realismo Ofensivo. Realismo Neoclássico. Lakatos. Progresso Teórico.

1 Introdução

O presente trabalho tem como objetivo geral sistematizar a discussão interna no que se refere à teoria do Realismo das Relações Internacionais. Ou seja, como os três Realismos elencados aproximam-se e se distanciam em relação a seus pontos

* Graduando do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria, pesquisador no Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais de Santa Maria (PRISMA) na linha de Segurança Internacional, membro do Grupo de Estudo, Extensão e Pesquisa em Política Internacional Contemporânea (GEPPIC), do Grupo de Análise da Política Externa no Brasil Contemporâneo (GAPEB) e membro do Comitê Editorial da Revista InterAção (ISSN 2357-7975). E-mail: a.agnol@gmail.com.

nevrálgicos? Objetiva-se, assim, sistematizar o Realismo Estrutural¹ de Kenneth Waltz (1979) e o Realismo Ofensivo de John J. Mearsheimer (2001; 2006), tal qual proposta por Flávio P. Mendes (2013) em sua tese doutoral, na forma de um Programa de Pesquisa Científico (PPC). Expõe-se, ainda, as principais contribuições do Realismo Neoclássico, presentes em três artigos, de Gideon Rose (1998), Randall Schweller (2003), e Feng & Zhang (2006) ao debate realista das Relações Internacionais. Por fim, analisar-se-á a possibilidade e a viabilidade de sistematizar um possível Programa de Pesquisa Científico (PPC) do Realismo Neoclássico, consoante com os trabalhos de Rose (1998), Schweller (2003) e Feng & Zhang (2006).

Além das bibliografias supracitadas, o presente trabalho vale-se da contribuição do livro de Elman & Elman (2003) e dos artigos desenvolvidos por Humphreys (2012) e Silveira (1996), que vêm a contribuir com o desenvolvimento da proposta deste trabalho. O presente artigo encontra-se, assim, em um patamar de abstração tal que não se aterá à pormenorização de alguns conceitos suficientemente difundidos na literatura. Tampouco lançará mão de exemplos históricos. Ater-se-á, portanto, à essência dos elementos discutidos nos três Realismos elencados

Na primeira seção deste artigo buscar-se-á expor a Metodologia dos Programas de Pesquisa Científica de Lakatos sem, entretanto, aprofundar no embate Popper-Kuhn-Lakatos². A segunda seção destina-se a incorporar o Realismo Estrutural à epistemologia de Lakatos, tal qual proposta por Mendes (2013), a fim de formalizar um Programa de Pesquisa Científico do mesmo. Na terceira seção busca-se compreender os motivos das contribuições de Mearsheimer constituírem-se em uma mudança teórica intraprogramática progressiva. Na última seção, por fim, traz-se o debate acerca da contribuição do Realismo Neoclássico ao debate interno dos Realismos, além de buscar compreender o Realismo Neoclássico como um Programa de Pesquisa Científico distinto daquele do Realismo Estrutural.

2 Lakatos e a Metodologia dos Programas de Pesquisa Científicos

Antes de analisar no que consiste a Metodologia dos Programas de Pesquisa Científico (MPPC) de Lakatos, é importante ressaltar que o presente trabalho não busca remontar o debate acerca da filosofia da ciência de Karl Popper e da abordagem de Thomas Kuhn. Basta salientar, contudo, que a MPPC de Lakatos “pode ser encarada como uma sofisticação do programa falseacionista [de Popper] pela incorporação de críticas introduzidas por Kuhn e seus seguidores” (MENDES, 2013, p. 30).

¹ Na entrevista de Reis (2011, p. 132) com Waltz, o autor revela que gosta do rótulo de realista estrutural. “Porque neorealismo não nos diz ao certo o que é. Só nos diz o que não é; que não é Realismo Tradicional. Realismo Estrutural, pelo menos, dá-nos uma sugestão do que é novo no neorealismo”.

² O embate entre Popper e Kuhn pode ser encontrado na tese doutoral de Mendes (2013, p. 16-39).

Quanto ao PPC proposto por Lakatos (1979), um programa de pesquisa pode ser caracterizado pelo seu núcleo duro. O núcleo duro é convencionalmente aceito e, portanto, irrefutável, por decisão provisória. Isto é, é protegido pela heurística negativa do programa, que funciona como “um conjunto de proposições que expressam que o seu conteúdo não pode ser diretamente desafiado ou testado” (Elman, C.; Elman M., 2003, p. 26, tradução nossa). O cinturão de proteção, por sua vez, é passível de ser modificado e reajustado através da introdução de hipóteses auxiliares a fim de resguardar o núcleo duro contra possíveis anomalias. De acordo com Mendes (2013, p. 32) “é ele quem recebe diretamente os golpes da empiria e trata de acomodá-los”. O reajuste do cinturão de proteção, entretanto, deve obedecer às determinações da heurística positiva do PPC, definida por Lakatos (1979, p. 165, tradução nossa) como um “conjunto parcialmente articulado de sugestões ou palpites sobre como mudar e desenvolver as variantes refutáveis do programa de pesquisa, e sobre como modificar e sofisticar o cinturão de proteção refutável”. A heurística positiva indica, então, que o desenvolvimento de um PPC relaciona-se com a previsão de prováveis anomalias e a elaboração de diretrizes para guiar o seu tratamento.

Quanto à avaliação acerca da progressividade dos PPC, vale ressaltar que ela envolve regras que caracterizam os Programas de Pesquisa Científicos como “progressivos” ou “regressivos”. Um programa é “teoricamente progressivo quando cada modificação no cinturão protetor leva a novas e inesperadas predições ou retrodições”³ (SILVEIRA, 1996, p. 223). Ele será empiricamente progressivo, portanto, se pelo menos algumas das novas predições forem corroboradas.

Sempre é possível, através de convenientes ajustes no “cinturão protetor”, explicar qualquer anomalia. [...] Estes ajustes são “ad-hoc” e o programa está “regredindo” ou “degenerando” quando eles apenas explicam os fatos que os motivaram, não prevendo nenhum fato novo, ou, se prevendo fatos novos, nenhum é corroborado (SILVEIRA, 1996, p. 223).

Para ser considerada científica, portanto, é necessário que uma teoria seja teoricamente progressiva, ou seja, precisa levar à previsão de fatos novos. Além de ser teoricamente progressiva, a teoria deve ser empiricamente progressiva. “Isso significa que pelos menos parte dos novos fatos previstos deve ser corroborada empiricamente” (MENDES, 2013, p. 33).

Por fim, cabe destacar as duas possíveis formas de mudanças teóricas: intra-programáticas e interprogramáticas. As mudanças intraprogramáticas são caracterizadas por alterações no cinturão de proteção de um PPC, sem, contudo, ferir o seu núcleo duro. “Neste caso, continua-se no interior de um mesmo PPC, o qual

³ Entendemos como uma retrodição a explicação de um fato já conhecido, e uma predição como a antecipação de um fato ainda não observado.

é considerado progressivo se as alterações respeitarem os critérios de aceitabilidade e de heurística. Caso contrário, está-se diante de uma mudança degenerativo” (MENDES, 2013, p. 35). As mudanças interprogramáticas, por sua vez, são caracterizadas por alterações no núcleo duro do PPC, ou seja, vão de encontro às determinações de sua heurística negativa. Neste sentido, há a criação de um novo PPC, com um novo núcleo duro, sem, entretanto, acarretar a imposição das regras da heurística positiva do primeiro ao segundo

3 Projeto de pesquisa científica do Realismo Estrutural de Waltz

A presente seção destina-se a incorporar o Realismo Estrutural à epistemologia de Lakatos, tal qual proposta por Mendes (2013), a fim de formalizar um Programa de Pesquisa Científico do mesmo. Ou seja, faz-se necessário identificar quais argumentos das obras de Waltz compõem o núcleo duro deste PCC, protegido pela sua heurística negativa. Cabe identificar, também, quais partes do trabalho de Waltz compõem o seu cinturão de proteção e suas hipóteses auxiliares.

Flávio P. Mendes (2013, p. 98-105), em sua tese doutoral, propõe que a obra de Waltz dá origem a um Programa de Pesquisa Científico cujo núcleo duro é composto por quatro elementos: i) os principais atores da política internacional são os Estados; ii) os Estados são unitários; iii) os Estados colocam sua sobrevivência acima de qualquer outro objetivo; iv) os principais incentivos ao comportamento dos Estados, que dão conta das resultantes internacionais mais significativas, emanam da estrutura⁴ do sistema internacional.

Quanto à sobrevivência dos Estados como primeiro objetivo, Waltz reconhece que os objetivos dos Estados podem variar dramaticamente, desde a dominação universal até a simples sobrevivência (WALTZ, 1979, p. 117). Entretanto, considerar os Estados como unitários, assim como afirmar que os principais incentivos ao comportamento dos Estados emanam da estrutura do sistema internacional, são pressupostos ontológicos. Waltz abstrai, portanto, os processos domésticos de formação de interesses e de tomada de decisão, uma vez que, “teorias não podem incluir todas as variáveis que possam ser consideradas importantes”, conforme aponta o realista estrutural (HUMPHREYS, 2014, p. 401, tradução nossa).

Quanto à heurística negativa do PPC do Realismo Estrutural, esta proíbe, de acordo com a MPPC de Lakatos exposta na primeira seção, qualquer emenda teórica que pressuponha, por exemplo: i) que os Estados não são os principais atores da política internacional; ii) que instituições internacionais e regimes são capazes de alterar fundamentalmente as dinâmicas da política internacional; iii)

⁴ Percebe-se, aqui, que a utilização de termos como “teorias sistêmicas”, ou “nível sistêmico”, por Waltz, faz com que o termo sistema seja um sinônimo de estrutura ao longo da obra do autor.

que o dilema da segurança, a anarquia e a balança de poder não são variáveis a serem observadas pelos Estados; iv) que os atos dos Estados são traçados principalmente por atributos internos aos Estados, como caráter das instituições ou tipo de organização econômica (MENDES, 2013, p. 100-101).

Mendes (2013, p. 101) aponta, contudo, que uma ressalva precisa ser feita. “O pressuposto de que os Estados são racionais não foi incluído no núcleo duro do PPC do Realismo Estrutural” mesmo que esse seja quase uma unanimidade entre os teóricos que problematizaram o realismo de Waltz. De maneira direta, Waltz (1979, p. 118, tradução nossa) afirma: “perceba que a teoria não requer qualquer pressuposto de racionalidade ou de constância de vontade por parte de todos os atores”. Isto decorre do tipo de teoria que Waltz pretendia desenvolver: “uma teoria sistêmica que aponte não como determinados Estados se comportam, mas quais os constrangimentos colocados aos Estados pelas características estruturais do sistema internacional” (MENDES, 2013, p. 102). Neste sentido, Humphreys tece sua crítica a Waltz afirmando que:

[...] a sua teoria [de Waltz] pode ser heurísticamente aplicável, provendo informações úteis sobre as pressões a que estão sujeitos os Estados, mas ela não pode gerar hipóteses plausíveis sobre comportamentos específicos que podem ser esperados dos Estados sob condições estruturais específicas (HUMPHREYS, 2014, p. 394, tradução nossa).

Em torno do núcleo duro, Lakatos (1979) sinaliza a existência de um cinturão de proteção formado por hipóteses auxiliares. As expectativas teóricas que Waltz deriva dos pressupostos basilares de sua abordagem formam o cinturão de proteção do PPC do Realismo Estrutural. De acordo com Mendes, são elas:

(i) Os Estados equilibram poder, por esforços internos e externos de balanceamento, como forma de garantir sua sobrevivência no anárquico sistema internacional; (ii) Os Estados possuem natureza iminentemente posicional conservadora, preocupando-se, sobretudo, com a manutenção da sua posição relativa no sistema; (iii) Sistemas bipolares são mais estáveis e pacíficos do que sistemas multipolares (MENDES, 2013, p. 103-104).

Em síntese, uma teoria que parte dos mesmos pressupostos que fazem parte do núcleo duro do PPC do Realismo Estrutural, mas que modifique “uma ou mais das expectativas teóricas que formam o cinturão de proteção, ainda assim permanece no interior do programa, originando uma mudança teórica intraprogramática” (MENDES, 2013, p. 104). Para Lakatos, no entanto, para ser legitimamente científica, uma alteração no cinturão de proteção deve respeitar a orientação geral do PPC, de modo a manter sua coerência interna. Ou seja, deve ser respeitada a heurística positiva do programa, que Lakatos (1979, p. 165) define como um “conjunto parcialmente articulado de sugestões ou palpites sobre como mudar e desenvolver as variantes refutáveis do programa de pesquisa, e sobre como modificar

e sofisticar o cinturão de proteção refutável”. A próxima seção destina-se a avaliar as contribuições trazidas pelo Realismo Ofensivo de Mearsheimer (2001), na qualidade de principal alteração do PPC do Realismo Estrutural desde sua constituição.

4 Mudança e progressividade no Realismo Ofensivo

Faz-se necessário, desde já, antecipar que ao falarmos do Realismo Ofensivo, restringimo-nos à visão de Mearsheimer. Mendes (2013) vislumbra que as inovações trazidas por Mearsheimer constituem-se em uma mudança teórica intraprogramática progressiva. Entende-se, então, que:

(i) o realismo ofensivo subsume integralmente o núcleo duro do programa de pesquisa, em respeito à sua heurística negativa; (ii) as emendas teóricas trazidas pelo realismo ofensivo modificam elementos do – e introduzem elemento no – cinturão de proteção de hipóteses auxiliares do programa; e (iii) o realismo ofensivo respeita as injunções da heurística positiva do programa (MENDES, 2013, p. 106-107).

Ou seja, ambos compartilham a mesma variável dependente ao passo que, tanto Waltz como Mearsheimer se afastam do Realismo Tradicional de Morgenthau (1948) para explicar o caráter competitivo da política internacional. O Realismo de Morgenthau entende que capacidade não é nem um atributo unitário, nem estrutural, mas uma relação entre os Estados, como o resultado potencial de uma interação militar. Isto é, ele foca na distribuição relativa de capacidades entre Estados e alianças específicas, e não na distribuição sistêmica de capacidade ou na sua polaridade (SCHWELLER, 2003, p. 331). Mearsheimer entende que a competição se trata de um incentivo sistêmico, derivado da estrutura do sistema internacional, ou seja, da polaridade do sistema auferida pelo número de grandes potências, e não pelas assimetrias entre elas. Ao definir o sistema internacional, o realista ofensivo apresenta três pressupostos:

primeiro, os Estados são os principais atores e operam em anarquia, o que significa, simplesmente, que não há uma autoridade mais forte acima deles. Segunda, todas as grandes potências têm alguma capacidade militar ofensiva, o que significa que elas têm meios para ferir umas as outras. Terceira, nenhum Estado pode saber a intenção de outro com certeza, especialmente suas futuras intenções (MEARSHEIMER, 2006, p. 160, tradução nossa).

É possível, ainda, identificar outros dois pressupostos na teoria de Mearsheimer. Primeiro, que as grandes potências são atores racionais, isto é, elas são capazes de reconhecer os constrangimentos que lhe são impostos e de fazer cálculos no sentido de empregar os meios mais adequados e eficientes para atingir os fins visados (MEARSHEIMER, 2001, p. 30-32). Em segundo lugar, que os Estados maximizam poder, como assinala o autor:

Apreensivos sobre as reais intenções dos demais Estados, e conscientes de que operam num sistema de auto-ajuda, os Estados rapidamente compreendem que a melhor maneira de garantir sua segurança é sendo o Estado mais poderoso do sistema. Quanto mais forte for um Estado em relação a seus potenciais rivais, menos provável será que um deles o atacará e ameaçará sua segurança. (MEARSHEIMER, 2001, p. 33, tradução nossa)

Waltz e Mearsheimer convergem, portanto, na visão de que os Estados temem uns aos outros e que seus comportamentos são ditados pela tônica da auto-ajuda. Concordam quanto ao dilema da segurança e a preocupação com ganhos relativos (MEARSHEIMER, 2001, p. 32-37). Convergem, ainda, quanto ao objetivo último dos Estados ser, no mínimo, a sobrevivência.

Para o realista ofensivo, portanto, as grandes potências nunca estão satisfeitas com a quantidade de poder que controlam e se encontram em constante busca de oportunidades para alterar em seu favor o *status quo* internacional. A melhor maneira de um Estado garantir sua sobrevivência é, então, tornar-se incontestavelmente o mais forte do sistema, um *hegemon* cujo poder e cuja superioridade não possam ser desafiados com alguma expectativa de sucesso.⁵ Cabe salientar, contudo, que Mearsheimer (2001, p. 37, tradução nossa) entende que “as grandes potências não são agressores negligentes, tão inclinados a ganhar poder ao ponto de entrarem em guerras perdidas ou de perseguirem vitórias pírricas”, e daí decorre a racionalidade assinalada pelo autor.

5 O Realismo Neoclássico: avanços e desafios

Ainda que Schweller (2003, p. 312-315) aponte que a Metodologia do Programa de Pesquisa Científico de Lakatos não seja aplicável às Teorias de Relações Internacionais (TRI)⁶, a presente seção destina-se a trazer o debate do Realismo Neoclássico para junto do aqui já articulado entre o Ofensivo e o Estrutural. Schweller afirma, também, ao se perguntar se o Realismo Neoclássico é um PPC progressivo, que deixa de lado a MPPC de Lakatos para utilizar quatro critérios difundidos para julgar se uma teoria, ou um programa de pesquisa inteiro, representam progresso, ou não. Primeiro, a pesquisa levanta questões interessantes e importantes como a proposição de novos desafios empíricos e teóricos? Segundo, a hipótese, a teoria, ou o programa de pesquisa no qual estão inseridas são razoavelmente sustentadas pelas evidências? Terceiro, a metodologia aplicada é consistente com os princípios estabelecidos da evidência e do argumento das ciências sociais? Quarto, quando se avalia um programa de pesquisa ou um tronco teórico, faz-se

⁵ O debate criado por Mearsheimer entre o desejo de um Estado ser *hegemon* global ou regional pode ser aprofundado na crítica de Diniz (2006) a qual traz o erro de Mearsheimer ao confundir unipolaridade com hegemonia.

⁶ Schweller (2003, p. 313) faz uma ressalva, entretanto, afirmando que talvez somente o Realismo Estrutural de Waltz e o Realismo Ofensivo de Mearsheimer representem Teorias de Relações Internacionais completamente articuladas.

necessário levantar uma questão lakatosiana: o programa de pesquisa está produzindo conhecimento cumulativo? Afinal “acumulação de conhecimento é condição *sine qua non* para o progresso científico”.

Neste sentido, faz-se necessário salientar que o Realismo Neoclássico incorpora tanto as variáveis externas quanto as internas, atualizando e sistematizando certas visões traçadas pelo pensamento do Realismo Tradicional. De acordo com Rose (1998, p. 146, tradução nossa) seus defensores “argumentam que o escopo e a ambição da política externa de um país é guiada, primeiramente, e principalmente, pela sua posição no sistema internacional e especificamente pela força das suas capacidades materiais”. E é por isso que eles são realistas. É por isso que são realistas. Além disso, “o impacto da força dessas capacidades na política externa é indireta e complexa, porque as pressões sistêmicas precisam ser traduzidas por variáveis intervenientes ao nível da unidade”.

O Realismo Neoclássico constitui-se, então, em perspectiva teórica que pode ser utilizada para a compreensão das decisões de política externa uma vez que incorpora tanto variáveis sistêmicas como unitárias de análise. Como se depreende do trecho de Rose, os realistas neoclássicos aproximam-se das idéias do Realismo Estrutural ao nível sistêmico, no qual considerações quanto à segurança são tomadas como uma das principais pressões sistêmicas que moldam o comportamento dos Estados. Ao nível unitário, entretanto, indicam que durante o processo decisório as pressões sistêmicas são filtradas por variáveis domésticas.

De acordo com Schweller (2003, p. 317), ainda que não abandonem a visão de Waltz a respeito da estrutura do sistema internacional, os teóricos do Realismo Neoclássico valem-se das contribuições trazidas pelos realistas tradicionais, os quais focavam-se mais na política externa do que no nível sistêmico. Ou seja, o Realismo Neoclássico traz, também, os argumentos da primeira e da segunda imagem para explicar o processo de tomada de decisão da política externa.

Cabe, então, diferenciar o escopo de uma teoria da política internacional do de uma teoria da política externa. Para Waltz (1979, p. 72, tradução nossa), “teorias sistêmicas explicam porque diferentes unidades comportam-se de forma semelhante e, apesar de suas variações, produzem resultados dentro dos limites esperados”. As teorias ao nível unitário “revelam porque diferentes unidades comportam-se diferentemente apesar de terem posições semelhantes dentro do sistema”. Uma teoria da política externa, por sua vez, é uma teoria de nível nacional, ou seja, ela lida com a maneira com que diferentes políticas vão responder às pressões externas. É neste sentido, sobretudo, que os realismos estruturais e o Neoclássico acabam por se diferenciar, uma vez que os primeiros apresentam-se como teorias de política internacional – além de se pretenderem sistêmicos – enquanto o segundo se apresenta como uma teoria de política externa, ainda que não seja uma teoria de nível unitário.

Para Waltz (1979, p. 121, tradução nossa), entretanto, exigir que uma teoria de política internacional – tal como a sua – explique ações específicas dos Estados equivale a “esperar que a teoria da gravitação universal explique a trajetória de uma folha em queda”. Para o autor, este tipo de explicação deveria ser buscado em uma teoria de política externa⁷. Feng e Zhang, por exemplo, apontam que, se para o Realismo Neoclássico os efeitos sistêmicos são considerados as variáveis independentes,

[...] os fatores ao nível da unidade são variáveis intervinientes que conectam a política externa e o sistema internacional, eles têm a capacidade de fortalecer ou enfraquecer a influência dos fatores estruturais ao comportamento da unidade (FENG; ZHANG, 2006, p. 122, tradução nossa).

Para Schweller (2003, p. 317), o Realismo Neoclássico representa progresso entre as teorias realistas, uma vez que ele busca clarear e ampliar a lógica empregada pelo Realismo Tradicional e Estrutural. Além disso, progride ao passo que emprega o método de estudos de caso para testar teorias gerais, explicar casos e gerar hipóteses. Incorpora, ainda, a primeira, a segunda e a terceira imagens em suas variáveis e direciona questões importantes sobre política externa e comportamento nacional e, por fim, progride no sentido de produzir um corpo de conhecimento cumulativo.

O Realismo Neoclássico busca responder, portanto, questões como:

Sob que condições as nações expandem os seus interesses políticos? Qual é a relação entre o comportamento externo de uma nação e a sua mobilização doméstica? Como as elites políticas percebem e pensam sobre o seu poder na política mundial? Como Estados avaliam e adaptam-se às mudanças do seu poder relativo? Como Estados respondem a desafios e oportunidades na sua esfera externa? Diferentes tipos de Estados respondem de diferentes formas? O que explica a variação em estratégias de alianças entre os Estados, se eles preferem balancear, buck-pass, bandwagon, chain-gang, ou evitar as alianças por completo? (SCHWELLER, 2003, p. 318, tradução nossa).

Quanto à importância dos líderes políticos e das elites, Rose (1998, p. 147; 167) ressalta que são suas percepções de poder relativo⁸ que importam, e não simplesmente a quantidade relativa de recursos físicos em questão. Além disso, o crescimento das forças materiais relativas leva, eventualmente, a uma correspondente expansão na ambição e no escopo da atividade da política externa de um país. Além disso, líderes e elites não possuem total liberdade para extrair e direcionar recursos nacionais de acordo com seus desejos, ou seja, países com capacidades brutas comparáveis, mas diferentes estruturas de estado, serão suscetíveis a agirem de formas distintas.

⁷ É importante ressaltar que Waltz não atribuiu nenhuma superioridade a priori entre teorias de política internacional e teorias de política externa. Elas simplesmente tratam de objetos distintos e respondem a diferentes questões.

⁸ Rose (1998, p. 151) assinala que os realistas neoclássicos normalmente definem “poder relativo” como “as capacidades e os recursos com os quais os Estados podem influenciar uns aos outros”.

Rose (1998, p. 152) aponta, ainda, que em vez de assumirem que os Estados buscam por segurança – como afirma Waltz – os realistas neoclássicos assumem que os Estados respondem às incertezas da anarquia internacional procurando controlar e moldar o seu ambiente externo. Ou seja, conforme o poder relativo de um Estado aumenta, este buscará mais influência no exterior, e à medida que declina, suas ações e ambições vão diminuir de acordo com o recuo.

Metodologicamente, o Realismo Neoclássico dá ênfase para narrativas teoricamente informadas que traçam como a força material relativa é traduzida no comportamento dos decisores políticos atuais. Seus defensores mostraram que essa abordagem pode iluminar o comportamento dos países em muitas regiões do mundo durante vários períodos históricos (ROSE, 1998, p. 168).

6 Considerações finais

Este artigo pretendeu, por fim, ser frutífero para a pesquisa na área ao apresentar uma análise preliminar das questões relacionadas ao progresso e do debate dentro da teoria Realista. Ao avaliar correntes teóricas, parece ser plausível a seguinte questão para uma futura pesquisa: para onde vai seguir o maior progresso do Realismo? Através de mudanças interprogramáticas ou intraprogramáticas?

A progressividade do Realismo Ofensivo pode ser representada uma vez que leva à previsão de novos fatos, como se observa, por exemplo, i) na ideia oferecida por Mearsheimer a respeito dos constrangimentos à projeção de poder; ii) através dos pressupostos dos estudos estratégicos, que proporciona uma visão mais aguçada das situações de balanceamento e buck-passing, além das contribuições acerca da ascensão da China (MEARSHEIMER, 2006). Representa, então, uma mudança intraprogramática ao passo que respeita as determinações da heurística positiva do PPC do Realismo Estrutura e que ajuda a responder anomalias encontradas na abordagem de Waltz.

Percebe-se, pelo lado do Realismo Clássico, que ele se constitui em um novo PPC – ainda que semelhante ao do Realismo Estrutural, uma vez que continua pertencendo ao tronco teórico Realismo – em decorrência da violação do núcleo duro do PPC do Realismo Estrutural. Rompe, principalmente, no que tange à visão de que o Estado não é unitário e acerca dos efeitos da estrutura no comportamento dos Estados. Finalmente, resta sinalizar que o Realismo Neoclássico constitui-se em mudança interprogramática ao PCC do Realismo Estrutural, de acordo com a metodologia de Lakatos, e progressivo de acordo com Schweller (2003), uma vez que emprega o método de estudos de caso para testar teorias gerais, explicar casos e gerar hipóteses, mas, sobretudo, por gerar conhecimento cumulativo. O Quadro 1 procura exemplificar, de forma sucinta, o que foi aqui apresentado acerca das três manifestações de realismos.

Quadro 1 – Quadro sintético dos PPC do Realismo

	Estrutural/Waltz	Ofensivo/Mear.	Neoclássico/Schweller
Núcleo Duro	Estados como principais atores do SI; Estados unitários; Buscam no mínimo a sobrevivência; Incentivos e constrangimentos emanam da estrutura do SI;	Idem;	Estados como principais atores do SI; Variáveis internas e externas; Incentivos e constrangimentos emanam da estrutura do SI e das capacidades materiais;
Heurística Negativa	Negação de Estados como principais atores; Instituições e regimes afetam a PI; Dilema de segurança, anarquia e balanço de poder não afetam o SI;	Idem;	Negação de Estados como principais atores; Apenas variáveis internas, ou apenas variáveis externas afetam o comportamento dos Estados;
Cinturão de Proteção	Estados não racionais; Estados equilibram poder; Natureza posicional conservadora; Sistemas bipolares são mais estáveis;	Estados racionais; Maximização de poder; Estados revisionistas; balanceamento e <i>buck passing</i> ; Sistemas multipolares são mais instáveis	Segurança como maior pressão sistêmica; Percepção das elites políticas; Estados com diferentes estruturas são suscetíveis a agir diferentemente; Procuram controlar e moldar o ambiente externo
Heurística Positiva	Que balanças tendem a se formar no SI?; Que sistemas multipolares são mais propensos à guerra?;	De que forma os Estados buscam alterar o <i>status quo</i> ao seu favor? Por que os Estados maximizam poder?	Sob que condições os países expandem os seus interesses? Como as elites políticas percebem o seu poder na política internacional?

Fonte: Elaboração do autor

De acordo com Taliaferro,

Debates no interior de tradições particulares de pesquisa, e não debates entre elas, tendem a gerar maior progresso teórico no estudo da política internacional. Ao desenvolverem e testarem teorias derivadas dos mesmos pressupostos centrais, pesquisadores podem mais facilmente identificar hipóteses competidoras, refinar o escopo de teorias e descobrir novos fatos. Pode-se argumentar que esta é uma estratégia mais produtiva para o acúmulo do conhecimento do que a tendência atual entre acadêmicos de rotular programas de pesquisa inteiros como degenerativos (TALIAFERRO, 2000, p. 130, tradução nossa).

De fato, como aponta Schweller (2003), o progresso das teorias das relações internacionais pode ser mensurado de acordo com o quanto a disciplina se afasta de pequenas ilhas para porções maiores de terra, talvez ainda para continentes de teorias. Entretanto, não importa quanto progresso seja feito, sempre existirão vastos oceanos separando até as mais desenvolvidas áreas da teoria.

(Meta)Theoric Debate Among the Neoclassical Realism and the Structural Realisms in the International Relations

ABSTRACT: The main objective of this paper is to systematize the internal discussion of the Realism in International Relations theory. That is, how the Structural, Offensive and Neoclassical Realism dialogue when we talk about their hardcores? By the literature review, it will try to systematize the Realisms in a Scientific Research Program according to Lakatos' model. This work is characterized by a descriptive study which deals mainly on meta-theoretic issues.

KEYWORDS: Structural Realism. Offensive Realism. Neoclassical Realism. Lakatos. Theoretical Progress.

Referências

DINIZ, Eugenio. Relacionamentos multilaterais na unipolaridade - uma discussão teórica realista. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, jul/dez., p. 505-565, 2006.

ELMAN, Colin; ELMAN, Miriam F. Lessons from Lakatos. In: _____. *Progress in International Relations Theory: Appraising the Field*. Cambridge: MIT Press, p. 21-70, 2003.

FENG, Liu; ZHANG, Ruizhuang. The Typologies of Realism. *Chinese Journal of International Politics*, v. 1, p. 109-134, 2006.

HUMPHREYS, Adam R C. Another Waltz? Methodological Rhetoric and Practice in Theory of International Politics. *International Relations*, v. 26, n. 4, p. 389-408, 2012.

LAKATOS, Imre. O Falseamento e a Metodologia dos Programas de Pesquisa Científica. In: LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan. (Org.) *A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento*. São Paulo: Cultrix, 1979, p. 109-233.

MEARSHEIMER, John J. *The Tragedy of Great Powers Politics*. New York: Norton and Company, 2001.

_____. China's Unpeaceful Rise. *Current History*, v. 105, n. 690, p. 160-162, Apr. 2006.

MENDES, Flávio Pedroso. *Lakatos, o Realismo Ofensivo e o Programa de Pesquisa Científico do Realismo Estrutural*. 2013. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MONGENTHAU, H. J. *Politics among Nations: the struggle for power and peace*. New York: Alfred A. Knopf, 1948.

REIS, Bruno Cardoso. Teoria estrutural da política internacional: entrevista com Kenneth Waltz. *Relações Internacionais*, v. 29, p. 129–141, 2011.

ROSE, Gideon. Review: Neoclassical Realism and Theories of Foreign Policy. *World Politics*, v. 51, n. 1, p. 144-172, oct. 1998.

SCHWELLER, Randall L. The Progressiveness of Neoclassical Realism. In: ELMAN, Colin; ELMAN, Miriam F. (Eds.) *Progress in International Relations Theory: Appraising the Field*. Cambridge: MIT Press, 2003. p. 311-347.

SILVEIRA, Fernando Lang da. A Metodologia dos Programas de Pesquisa: a Epistemologia de Imre Lakatos. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 13, n. 3, p. 219-230, 1996.

TALIAFERRO, Jeffrey W. Security Seeking Under Anarchy: Defensive Realism Revisited. *International Security*, v. 25, n. 3, p. 128-161, 2000.

WALTZ, Kenneth. *Theory of International Politics*. Reading: Addison-Wesley Publishing Company, 1979.